

O USO INDISCRIMINADO DE PSICOESTIMULANTES POR ESTUDANTES: REFLEXO NA SAÚDE MENTAL E FÍSICA

THE INDISCRIMINATE USE OF PSYCHO-STIMULANTS BY STUDENTS: REFLECTION ON MENTAL AND PHYSICAL HEALTH

SILVA, Francielly Rodrigues da¹; **VARELLA**, Luciana Costa²; **GAMA**, Damara Bianca Soares³; **Martinez**, Andressa de Castro Oliveira⁴; **PIRES**, Tiago Araújo⁵; **SILVA-FILHO**, Ernandes⁶

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar o uso indiscriminado de psicoestimulantes entre estudantes universitários e pós-graduandos em Goiás, considerando suas motivações, formas de acesso e efeitos na saúde. A metodologia consistiu na aplicação de um questionário online, respondido por 275 participantes, com predominância da faixa etária entre 18 e 24 anos. Os resultados mostraram que, embora a maioria dos estudantes não utilize essas substâncias, uma parcela relevante faz uso ocasional ou frequente, principalmente com o intuito de melhorar o rendimento acadêmico, elevar a concentração e reduzir o cansaço. As substâncias mais mencionadas foram cafeína em altas doses, metilfenidato e lisdexanfetamina, frequentemente obtidas sem prescrição médica. Foram relatadas reações adversas como ansiedade, insônia, taquicardia e estresse, revelando os riscos do consumo sem acompanhamento profissional. Conclui-se que há uma necessidade urgente de ações educativas e preventivas no ambiente acadêmico, a fim de promover o uso responsável de medicamentos e proteger a saúde dos estudantes.

Palavras-chave: Psicoestimulantes, uso indiscriminado, estudantes universitários, saúde mental, Goiás.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the indiscriminate use of psychostimulants among college and postgraduate students in Goiás, considering their motivations, forms of access and effects on health. The methodology consisted of applying an online questionnaire, answered by 275 participants, predominantly aged between 18 and 24 years. The results showed that, although most students do not use these substances, a significant portion uses them occasionally or frequently, mainly with the aim of improving academic performance, increasing concentration and reducing fatigue. The most mentioned substances were caffeine in high doses, methylphenidate and lisdexamfetamine, often obtained without a prescription. Adverse reactions such as anxiety, insomnia, tachycardia and stress were reported, revealing the risks of consumption without professional supervision. It is concluded that there is an urgent need for educational and preventive actions in the academic environment, in order to promote the responsible use of medications and protect the health of students.

Keywords: Psychostimulants, indiscriminate use, university students, mental health, Goiás.

¹Graduando em Farmácia pela FacUnicamps. (Francielly Rodrigues da Silva. Farmácia. francielly8419@gmail.com)

²Graduando em Farmácia pela FacUnicamps. (Luciana Costa Varella. Farmácia. lucianacosta7009@gmail.com)

³Graduando em Farmácia pela FacUnicamps. (Damara Bianca Soares Gama. Farmácia.damarasoares1811@gmail.com)

⁴Graduando em Farmácia pela FacUnicamps. (Andressa de Castro Oliveira. Farmácia. andressa.oliv1997@gmail.com)

⁵Graduando em Farmácia pela FacUnicamps. (Tiago Araújo Pires. Farmácia. tiagopires3636@gmail.com)

⁶Doutor em Medicina Tropical e Saúde Pública – Imunologia e Parasitologia. (Ernandes da Silva Filho. Farmácia. ernandes.filho@facunicamps.edu.br)

1 INTRODUÇÃO

O ambiente universitário, seja na graduação ou na pós-graduação, é marcado por uma rotina intensa, repleta de cobranças acadêmicas, avaliações constantes, comparações entre colegas e uma exigência contínua de desempenho. Diante dessa realidade, muitos estudantes se veem pressionados a manter um alto rendimento, o que pode desencadear sentimentos de ansiedade, frustração e exaustão mental. Como forma de lidar com essa sobrecarga, uma prática tem se tornado cada vez mais recorrente, o uso indiscriminado de psicoestimulantes com o intuito de ampliar a capacidade de concentração, estender o tempo de vigília e melhorar o desempenho cognitivo, mesmo que sem prescrição médica (OLIVEIRA; GUIMARÃES NETO, 2024).¹

O Cloridrato de metilfenidato e a Lisdexanfetamina, têm como indicação original o tratamento de transtornos específicos, como o Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH) (ALVES, ANDRADE, 2022).⁶ Entretanto segundo RODRIGUES et al. (2021), estudos revelam um desvio desse propósito com esses medicamentos sendo utilizados para aprimorar o desempenho acadêmico. É essencial analisar as motivações que levam ao uso não prescrito desses medicamentos, bem como avaliar suas consequências tanto a curto quanto a longo prazo.²⁰

Embora esses medicamentos possam parecer uma maneira de lidar com a carga acadêmica, essa prática pode acarretar sérios impactos na saúde mental e física, tornando essencial a reflexão sobre seus riscos no contexto universitário.

Diante disso, este estudo busca analisar as motivações que levam os estudantes ao uso indiscriminado de psicoestimulantes e avaliar os efeitos desse consumo no aprendizado, quando feito sem prescrição médica. Também busca investigar as consequências para a saúde mental e física, como o desenvolvimento de ansiedade e estresse. Além disso, serão sugeridas estratégias de prevenção e conscientização sobre os riscos desse uso no ambiente acadêmico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Psicoestimulantes: conceito, classificação e mecanismo de ação

Os psicoestimulantes são substâncias que atuam diretamente no sistema nervoso central (SNC), aumentando a atividade cerebral, o estado de alerta, a atenção e a disposição física e mental. São utilizados terapeuticamente em condições como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e narcolepsia, mas têm sido utilizados também, de forma não prescrita, com finalidades como aumento do desempenho acadêmico e vigília prolongada (OLIVEIRA; GUIMARÃES NETO, 2024).¹

Os psicoestimulantes podem ser classificados em dois grupos, os de venda livre e os prescritos com retenção de receita. Os de venda livre, como a cafeína, não exigem prescrição médica e têm consumo menos controlado, o que pode resultar em riscos como dependência e superdosagem. Já os psicoestimulantes que requerem retenção de receita necessitam de prescrição médica para serem adquiridos e estão disponíveis apenas em drogarias, tornando seu uso mais controlado em comparação aos de venda livre (RAMOS et al., 2023).²

Os principais psicoestimulantes usados para tratar o TDAH incluem a lisdexanfetamina (como o Venvanse®) e o metilfenidato (como a Ritalina®). O mecanismo de ação dos principais psicoestimulantes envolve a inibição da recaptação e/ou aumento da liberação de neurotransmissores como dopamina e noradrenalina, o que resulta em maior estimulação do SNC, aumento da concentração e redução da fadiga (OLIVEIRA; GUIMARÃES NETO, 2024).¹

É importante que o uso desses medicamentos seja monitorado por profissionais de saúde, pois apesar de sua eficácia, também podem apresentar efeitos colaterais e potenciais riscos. A abordagem ao TDAH pode incluir, além da medicação, terapia comportamental e intervenções (RHODEN et al, 2022).³

O metilfenidato é um psicoestimulante que atua no sistema nervoso central por meio da modulação da dopamina e da noradrenalina. Sua principal ação consiste em dificultar a recaptura desses neurotransmissores pelas células nervosas, o que resulta em maior disponibilidade deles na sinapse neuronal. Com isso, observam-se efeitos clássicos como maior estado de alerta, foco aprimorado e redução da sonolência. Além disso, o fármaco pode estimular diretamente receptores adrenérgicos ou promover a liberação dessas substâncias a partir das terminações nervosas, intensificando seus efeitos no cérebro, especialmente em contextos terapêuticos voltados a transtornos de atenção e hiperatividade, bem como efeitos cardíacos associados (PEREIRA et al., 2024).⁴

O metilfenidato atua estimulando o sistema nervoso simpático, o que resulta no aumento da pressão arterial e na aceleração dos batimentos cardíacos. Por esse motivo, seu uso é contraindicado para indivíduos com problemas cardiovasculares, como hipertensão grave, devido ao risco de eventos graves, como a morte súbita. Além disso, pacientes com transtornos psiquiátricos também devem evitar o uso desse medicamento, pois ele pode desencadear alucinações e aumentar comportamentos agressivos (MELO et al., 2020).⁵

Estudos também apontam que o metilfenidato pode provocar efeitos colaterais fatais em pacientes com alterações cardíacas pré-existentes, incluindo casos de morte súbita em crianças e adultos. Por isso, é recomendado evitar sua prescrição para pessoas com anormalidades cardíacas, como cardiopatias estruturais, cardiomiopatias ou arritmias (ALVES, ANDRADE, 2022).⁶

Diante desses riscos, é fundamental que o início do tratamento com metilfenidato seja acompanhado de forma rigorosa por um profissional especializado. Isso inclui a realização de exames laboratoriais e eletrocardiogramas semanais, pelo menos até a estabilização do paciente. Após esse período, as consultas podem ser realizadas com menor frequência. Ainda assim, o medicamento não é indicado para

todos os casos, especialmente quando há doenças pré-existentes, pois os efeitos adversos podem levar à necessidade de interrupção do tratamento (ARRUDA, PIMENTEL, SILVA, 2021).⁷

A cafeína exerce efeito estimulante sobre o SNC por meio de dois principais mecanismos de ação. Primeiramente, ela atua como antagonista dos receptores de adenosina, especialmente o subtipo A1. A adenosina é uma substância responsável por induzir o sono, diminuir a frequência cardíaca e reduzir a atividade respiratória. Quando seus receptores são bloqueados pela cafeína, esses efeitos inibitórios são suprimidos, o que resulta em aumento do estado de alerta e excitação. Além disso, a cafeína estimula a liberação de catecolaminas, como a adrenalina e a noradrenalina, promovendo efeitos fisiológicos como vasodilatação, broncodilatação e glicogenólise — o que contribui para a melhora na circulação sanguínea, aumento da capacidade respiratória e maior produção de energia (ALVES et al., 2021).⁸

O dimesilato de lisdexanfetamina, mais conhecido por seu nome comercial Venvanse®, é uma anfetamina cujo efeito principal é estimular o Sistema Nervoso Central (SNC). Ele tem sido indicado, principalmente para o tratamento de do TDAH (MACIEL et al., 2023).¹⁶ Seu mecanismo de ação envolve a liberação de catecolaminas e a inibição de sua recaptação. Após ser administrada, a lisdexanfetamina passa por hidrólise e libera a dextroanfetamina, que estimula a liberação de neurotransmissores como dopamina e noradrenalina, além de inibir a ação da enzima monoamina oxidase (MAO) e do transportador de noradrenalina, promovendo assim uma ativação do sistema nervoso central (REASE, 2023).⁹

2.2 O Uso indiscriminado de psicoestimulantes por universitários e pós-graduandos

Estudos demonstram uso crescente e não prescrito de psicoestimulantes por estudantes universitários, principalmente da área da saúde, com o objetivo de melhorar o desempenho cognitivo e lidar com a sobrecarga acadêmica (NASÁRIO; MATOS, 2022; MARTINS; VANONI; CARLINI, 2020).^{10,11}

A intensa pressão enfrentada na graduação e pós-graduação leva os alunos a procurar alternativas para se destacarem em um ambiente competitivo. A crença de que

esses recursos possibilitam estudar por períodos mais longos e absorver melhor o conteúdo é comum entre os usuários. Além disso, dificuldades de atenção e a expectativa por efeitos imediatos, como mais energia e motivação, também são fatores que impulsionam esse comportamento (PEREIRA et al., 2024).⁴

A utilização de psicoestimulantes muitas vezes sem prescrição ou acompanhamento médico, configura um comportamento de risco. A rotina exaustiva, a pressão por resultados e o medo do fracasso são os principais fatores que impulsionam essa prática. Dados indicam que uma parte significativa dos estudantes recorre a essas substâncias por meio de amigos, internet ou prescrições falsas, com o objetivo de "turbinar" o cérebro (OLIVEIRA; GUIMARÃES NETO, 2024).¹

2.3 Impactos do uso de psicoestimulantes na saúde mental e física

O uso de psicoestimulantes pode gerar efeitos colaterais importantes, tanto físicos quanto mentais, quando realizado de forma indiscriminada. Estudos apontam a ocorrência de transtornos psiquiátricos, como ansiedade e depressão, bem como riscos cardiovasculares e desenvolvimento de dependência química, especialmente em contextos não médicos (VASCONCELOS et al., 2023).¹²

Fisicamente, são comuns reações como taquicardia, hipertensão, dores de cabeça, perda de apetite, boca seca, bruxismo, náuseas, e até alterações hormonais. O uso prolongado pode provocar sintomas de abstinência, como tremores, sudorese, depressão intensa e ideação suicida (OLIVEIRA; GUIMARÃES NETO, 2024).¹

É evidente que o uso não médico de psicoestimulantes representa um desafio significativo para a saúde pública e o bem-estar dos estudantes universitários. Embora muitos estudantes possam ser motivados pelo desejo de melhorar o desempenho acadêmico, é importante reconhecer os riscos à saúde física e mental associados ao uso dessas substâncias, bem como as implicações éticas e acadêmicas (BATISTA, C. de B. P., et al. 2024).¹⁵

2.4 Abordagem epidemiológica do uso de psicoestimulantes entre universitários

A prevalência de uso varia conforme o contexto e o país. No Brasil, estudos apontam taxas de 13,3% a 25% de uso não prescrito entre universitários, especialmente em cursos de medicina (NASÁRIO; MATOS, 2022).¹⁰ Na Argentina, 99% dos estudantes relataram consumo de algum psicoestimulante, com destaque para a cafeína. Entre esses, 8,3% usaram metilfenidato (MARTINS; VANONI; CARLINI, 2020).¹¹

2.5 Considerações éticas e legais sobre o uso não prescrito

O uso não prescrito de psicoestimulantes, especialmente entre estudantes que buscam aumentar a concentração, levanta sérias questões éticas e legais. É uma prática eticamente contestável, pois contém o uso de substância controlada para fins não terapêuticos, tornando-se um benefício injusto, além disso os usuários não têm noção dos riscos à saúde física e mental retida (NASÁRIO; MATOS, 2022).¹⁰ Seu uso recreativo ou para aprimoramento cognitivo por pessoas saudáveis configura desvio de finalidade terapêutica e pode ser interpretado como uso indevido.

Esses psicoestimulantes como o metilfenidato e a lisdexamfetamina são medicamentos presentes na portaria nº 344/1998, classificados como substância sujeitas a controle especial.¹³ O uso, a comercialização e o fornecimento desses fármacos sem a prescrição médica constituem infrações sanitárias e podem configurar crimes previstos na lei nº 11.343/2006 (Lei das drogas) dependendo das circunstâncias.¹⁴

Além disso, existe o risco de reforçar desigualdades acadêmicas e criar um ambiente de normalização do uso de substâncias para desempenho, o que fere princípios de equidade, autonomia e integridade profissional — especialmente preocupante no contexto de formação de futuros profissionais da saúde (NASÁRIO; MATOS, 2022).¹⁰

2.6 Considerações à conscientização como Aliada na Prevenção de Danos Relacionados aos Psicoestimulantes

A informação é a base fundamental para a conscientização a respeito de qualquer "fórmula mágica" que prometa transformar uma pessoa comum em um "supergênio" ou "robô de alta performance". Para que o impacto do uso indevido de psicoestimulantes

seja reduzido, é essencial a disseminação de informações claras e fundamentadas em evidências científicas sobre as consequências do uso deliberado dessas substâncias, sem a devida indicação clínica.

E de se notar que muitos estudantes que fazem uso inadequado de estimulantes não conhecem, de fato, os efeitos adversos e os riscos associados a esses medicamentos, desconsiderando a possibilidade de desenvolverem dependência (BATISTA, C. de B. P., et al. 2024).¹⁵ Nesse contexto, a realização de palestras e a promoção de diálogos abertos com os estudantes configuram-se como passos iniciais importantes para a conscientização quanto ao uso inadequado de psicoestimulantes (MARTINS, M. F., et al. 2020).¹¹

Além disso, é importante considerar os fatores sociais e acadêmicos que contribuem para a busca por essas substâncias, muitos estudantes recorrem aos psicoestimulantes acreditando que poderão atingir melhores resultados sem avaliar criticamente os riscos envolvidos.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo de abordagem quantitativa, com caráter descritivo e exploratório. O objetivo foi identificar o uso de psicoestimulantes por estudantes universitários e pós-graduandos, bem como avaliar os possíveis reflexos na saúde mental e física desses indivíduos.

A população-alvo da pesquisa foi composta por estudantes do ensino superior (graduação e pós-graduação), de instituições públicas e privadas do estado de Goiás. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online, desenvolvido no Google Forms, disponibilizado durante 20 dias entre os meses de março e abril de 2025. O questionário foi divulgado de forma virtual, por meio de redes sociais e grupos de WhatsApp, possibilitando maior alcance e adesão voluntária dos participantes.

O instrumento de coleta de dados continha perguntas fechadas, de múltipla escolha e de caixa de seleção, divididas em blocos temáticos: perfil sociodemográfico (idade, escolaridade, curso), uso de psicoestimulantes (frequência, substâncias utilizadas, forma de obtenção), motivações para o uso, efeitos percebidos (físicos e mentais) e percepção de risco.

Participaram da pesquisa 283 estudantes, conforme os critérios de inclusão: ter idade igual ou superior a 18 anos, estar matriculado no curso de graduação ou pós-graduação em instituição de ensino no estado de Goiás e aceitar participar da pesquisa mediante leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado logo no início do questionário.

A resposta de apenas um participante com idade inferior a 18 anos foi excluída da análise, em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016, que exigem justificativa específica e consentimento legal para a participação de menores de idade.¹⁷

Os dados obtidos foram exportados para uma planilha eletrônica e organizados no Microsoft Excel para posterior análise. Foi utilizada estatística descritiva, com o cálculo de frequências absolutas e relativas (porcentagens) para cada variável. As informações foram apresentadas por meio de tabelas e gráficos, com o objetivo de facilitar a interpretação dos resultados. Quando pertinente, foram realizados cruzamentos simples entre variáveis (por exemplo: ser universitário ou pós-graduando e uso de psicoestimulantes, substância utilizada e presença de efeitos colaterais e junção da(s) principal(is) motivação(ões), com a intenção de observar possíveis padrões ou associações relevantes.

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos que regem estudos com seres humanos, conforme estabelecido pela Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. A Resolução nº 510/2016 encontra-se vigente até a presente data, e é aplicável a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais que envolvem coleta de dados por meio de questionários, entrevistas e demais técnicas que não apresentem risco físico ou psicológico aos participantes.

Por se tratar de um estudo com participação voluntária, anonimato garantido, sem intervenção direta e sem coleta de dados sensíveis ou identificáveis, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme previsto na própria resolução. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e participaram mediante leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado no início do questionário online.

4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

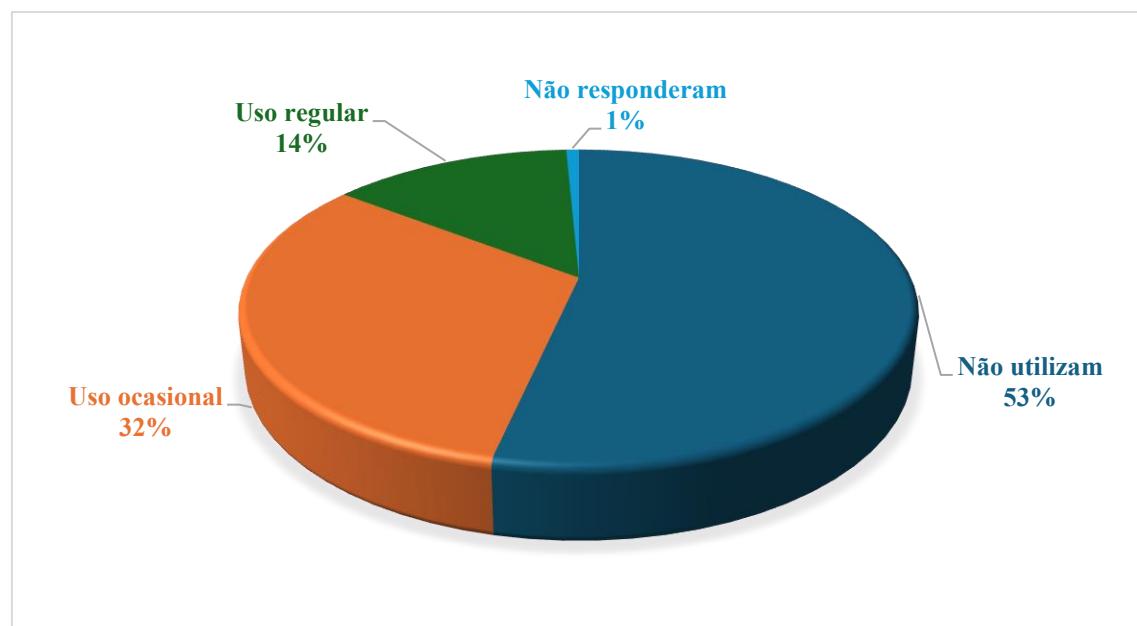
Foram analisados inicialmente 283 questionários, dos quais 8 foram excluídos por não apresentarem informações fundamentais, como idade e nível de escolaridade, dados essenciais para a caracterização do perfil dos participantes. Dessa forma, 275 questionários válidos foram considerados na análise.

A maioria dos participantes se encontrava na faixa etária de 18 a 24 anos, faixa comumente associada ao período de graduação. Todos os respondentes estavam matriculados no ensino superior, sendo o curso de Farmácia o mais recorrente entre os participantes.

4.1 Frequência do uso de psicoestimulantes entre estudantes

Conforme demonstrado na figura 1, observa-se que a maioria dos estudantes — 53% (n=147) — declarou não fazer uso de psicoestimulantes. Já 32% (n=88) relataram uso ocasional, 14% (n=38) afirmaram uso regular dessas substâncias e 1% (n=2) não respondeu à pergunta. Esses dados representam o levantamento inicial da pesquisa com universitários e pós-graduandos do estado de Goiás.

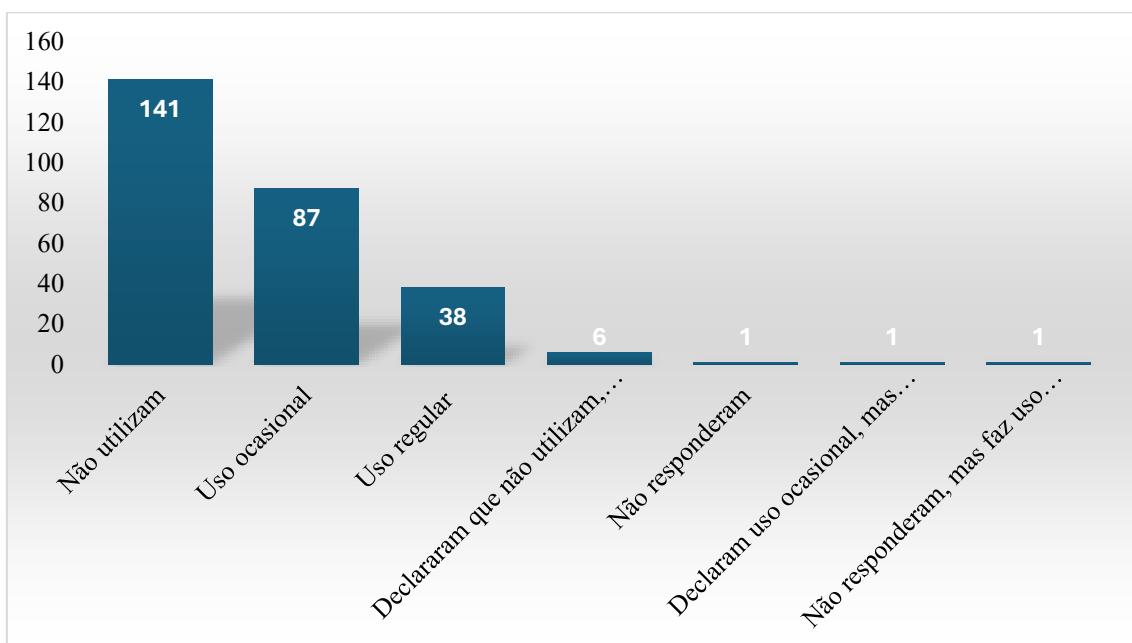
Figura 1 – Uso de Psicoestimulantes



Fonte: Autoria própria (2025).

No entanto, ao revisar as respostas abertas e cruzar as informações, foram identificadas inconsistências. Seis participantes que afirmaram não fazer uso mencionaram o consumo de substâncias como cafeína ou outros psicoestimulantes, embora não tenham indicado a frequência. Também foi identificado um caso de autodeclaração de uso ocasional por um participante que posteriormente afirmou não utilizar nenhuma substância. Considerando essas correções, foi realizada uma nova análise, resultando na distribuição apresentada na figura 2.

Figura 2 – Uso de Psicoestimulantes (Reanálise)



Fonte: Autoria própria (2025).

Sendo assim foi feita uma nova análise de resultados, 51,2 % (n=141) não faz uso de psicoestimulantes, enquanto 31,6% (n=87) relataram uso ocasional, 2,2% (n=6) faz uso não informando a frequência, 13,8% (n=38) afirmaram uso regular dessas substâncias, 0,4% (n=1) relataram uso ocasional, mas não fazem uso, 0,4% (n=1) não respondeu à pergunta e 0,4% (n=1) não respondeu, mas faz uso.

Essa reanálise reforça a importância de interpretar os dados de forma crítica, considerando a coerência das respostas, especialmente em pesquisas com autodeclarações sobre o uso de substâncias.

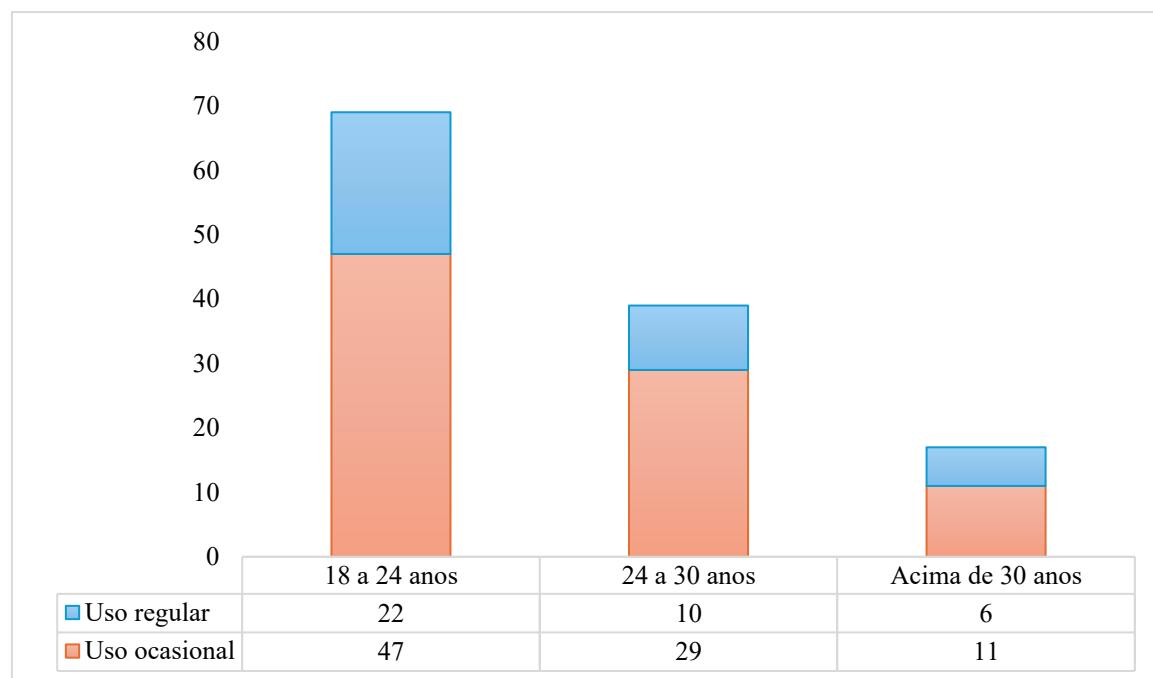
Esses dados revelam uma realidade preocupante, mas ainda condizente com achados da literatura nacional, que apontam um aumento gradual no consumo de

psicoestimulantes no ambiente universitário, especialmente em períodos de alta demanda cognitiva e estresse acadêmico. Ramos et al (2023) destaca que o uso eventual de psicoestimulantes é uma resposta comum à pressão por desempenho, sendo mais frequente do que o uso contínuo. Além disso, o consumo dessas substâncias sem acompanhamento médico, muitas vezes com a finalidade de melhorar a atenção e o rendimento, indica um padrão de uso fora do controle terapêutico, o que pode representar riscos significativos à saúde física e mental do estudante.²

4.2 Perfil dos participantes

Foram considerados, para esta pesquisa, 275 questionários respondidos por graduandos e pós-graduandos. Desses, 150 participantes (54%) possuem entre 18 e 24 anos; 76 (28%) têm entre 25 e 30 anos; e 49 (18%) têm mais de 30 anos.

Figura 3– Tipos de Psicoestimulantes por faixas etárias



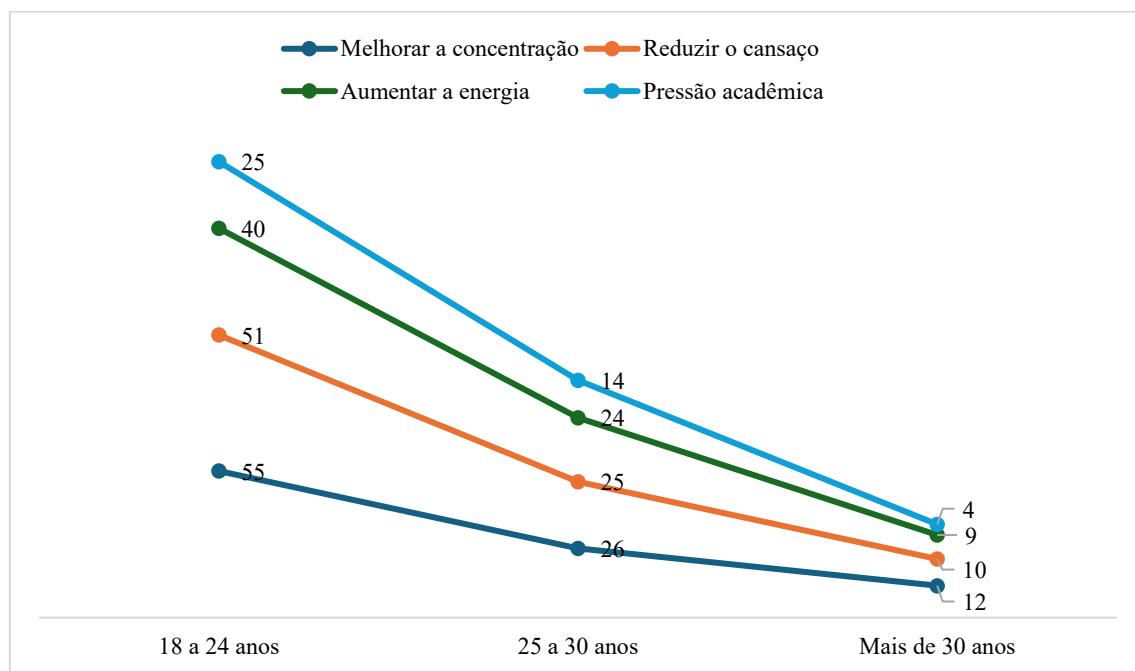
Fonte: Autoria própria (2025).

Dentre os estudantes que responderam ao questionário com as opções “uso ocasional” ou “uso regular”, totalizam-se 126 participantes. No entanto, conforme apresentado na figura 2, um dos participantes que selecionou a opção “uso ocasional”, mas não utiliza efetivamente nenhuma substância, foi desconsiderado nesta análise. Esse participante pertence à faixa etária de 18 a 24 anos. Os demais casos descritos no

figura 2 — como participantes que não responderam à pergunta, mas relataram uso, ou que indicaram não fazer uso, mas demarcaram substâncias — não foram contabilizados neste levantamento, pois não especificaram a frequência de uso.

Dessa forma, o total considerado nesta figura corresponde a 125 participantes. Na faixa etária de 18 a 24 anos, composta por estudantes de graduação e pós-graduação, 47 participantes (37,6%) relataram uso ocasional de psicoestimulantes, enquanto 22 (17,6%) declararam uso regular. Entre os participantes de 25 a 30 anos, 29 (23,2%) relataram uso ocasional e 10 (8%) uso regular. Já na faixa etária acima de 30 anos, 11 (8,8%) indicaram uso ocasional, enquanto 6 (4,8%) relataram uso regular.

Figura 4 – Principais motivações por faixa etária (Uso ocasional e regular de Psicoestimulantes)



Fonte: Autoria própria (2025).

Os dados mostram que o uso de psicoestimulantes é mais frequente entre estudantes de 18 a 24 anos, com predominância do uso ocasional. Nessa faixa, as principais motivações são melhorar a concentração, reduzir o cansaço, aumentar a energia e a pressão acadêmica. Entre os 25 a 30 anos, observa-se uma redução no uso, embora as motivações permaneçam semelhantes, sugerindo que a busca por desempenho acadêmico ainda é relevante, mas com menor intensidade. Já entre os estudantes acima de 30 anos, o uso é mais baixo e as motivações aparecem com menor

frequência, o que pode estar ligado a uma maior maturidade, acúmulo de responsabilidades e possível consciência dos riscos envolvidos.

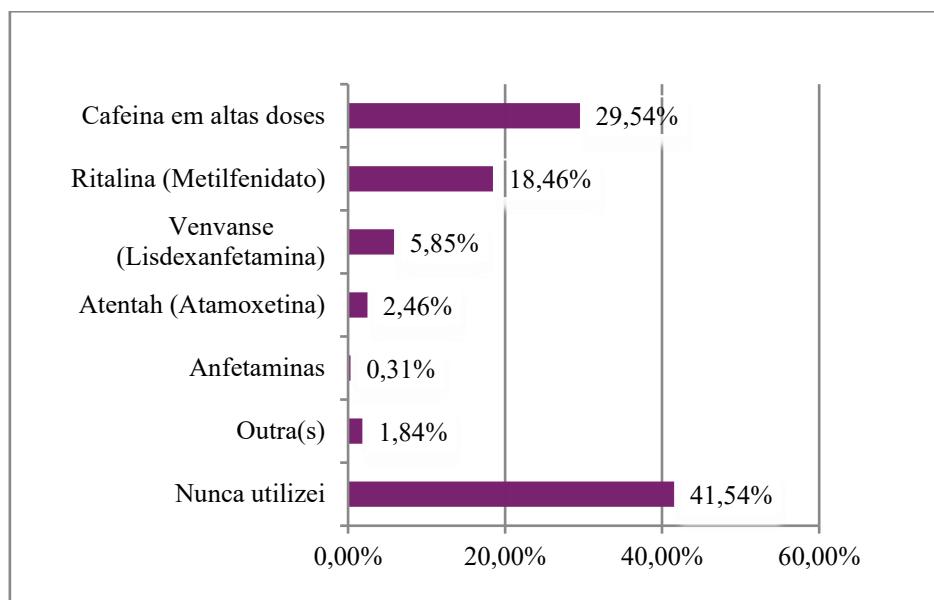
Conforme apontado por um estudo, o uso de psicoestimulantes como metilfenidato e lisdexanfetamina é mais prevalente entre universitários com idades entre 18 e 30 anos. Os autores citam um estudo realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no qual 67% dos participantes estavam nessa faixa etária e 5,8% relataram o uso de metilfenidato com o objetivo de melhorar o desempenho acadêmico. Além disso, uma parcela significativa desses usuários obteve o medicamento sem prescrição médica, muitas vezes por influência de colegas (Farias et al.,2024).⁴ Tais achados reforçam os dados observados na presente pesquisa, evidenciando a vulnerabilidade dos estudantes mais jovens ao uso indiscriminado de psicoestimulantes, especialmente em contextos de alta pressão acadêmica.

Reforçando esses dados, um estudo realizado com 310 estudantes de Medicina mostrou que 72,25% dos participantes estavam na faixa etária de 20 a 29 anos, sendo essa também a maioria entre os que relataram uso de psicoestimulantes, como o metilfenidato. Embora o estudo não tenha segmentado detalhadamente a prevalência de uso por idade, a predominância de jovens nessa faixa etária entre os usuários sugere uma tendência compatível com os resultados encontrados nesta pesquisa (ALVARENGA et al.,2023).¹⁸

4.3 Uso de psicoestimulantes: substâncias mais comuns entre os estudantes e o acesso a essas drogas

Dentre os 275 estudantes que responderam ao questionário, totalizaram-se 269 respostas válidas, uma vez que não foram consideradas 6 respostas por apresentarem incoerências, conforme já discutido anteriormente nos itens 4.1 e 4.2, sendo assim, foi feita uma nova análise de resultados. Entre as substâncias mais utilizadas, destacaram-se a **cafeína em altas doses 29,54%** (n=96), a **Ritalina (metilfenidato) 18,46%** (n=60)e o **Venvanse (lisdexanfetamina) 5,85%** (n=19), conforme demonstrado na figura abaixo:

Figura 5 – Substâncias utilizadas



Fonte: Autoria própria (2025).

Os alunos forneceram várias razões para o uso de cafeína, incluindo: sentir-se acordado (79%); apreciar o sabor (68%); aspectos sociais do consumo (39%); melhorar a concentração (31%); aumentar a energia física (27%); melhorar o humor (18%); e aliviar o estresse (9%). Assim como ocorre com a população geral dos EUA, o café é também o principal veículo de ingestão de cafeína entre os estudantes universitários pesquisados (FERREIRA, C. de C.; QUEIROZ, C. R. A. dos, 2020).¹⁹ A cafeína, embora de venda livre, quando consumida em excesso pode levar a sintomas de dependência e efeitos adversos relevantes como insônia e taquicardia (VIANA RAMOS et al, 2023).²

O metilfenidato e a lisdexanfetamina são amplamente utilizados por estudantes universitários para melhorar o desempenho acadêmico, aumentar a concentração e reduzir o cansaço, mesmo sem diagnóstico médico de TDAH (RODRIGUES et al, 2021; FARIAS et al, 2024).^{20,4}

Apesar de a lisdexanfetamina e o metilfenidato serem medicamentos legalmente prescritos para tratar distúrbios de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), seu consumo recreativo ou não supervisionado tem se tornado uma prática cada vez mais comum entre estudantes em busca de melhorias cognitivas e desempenho acadêmico. No entanto, essa busca por “melhorias” através do uso dessas substâncias é alarmante, devido aos riscos associados. Outro aspecto preocupante é a percepção distorcida de que

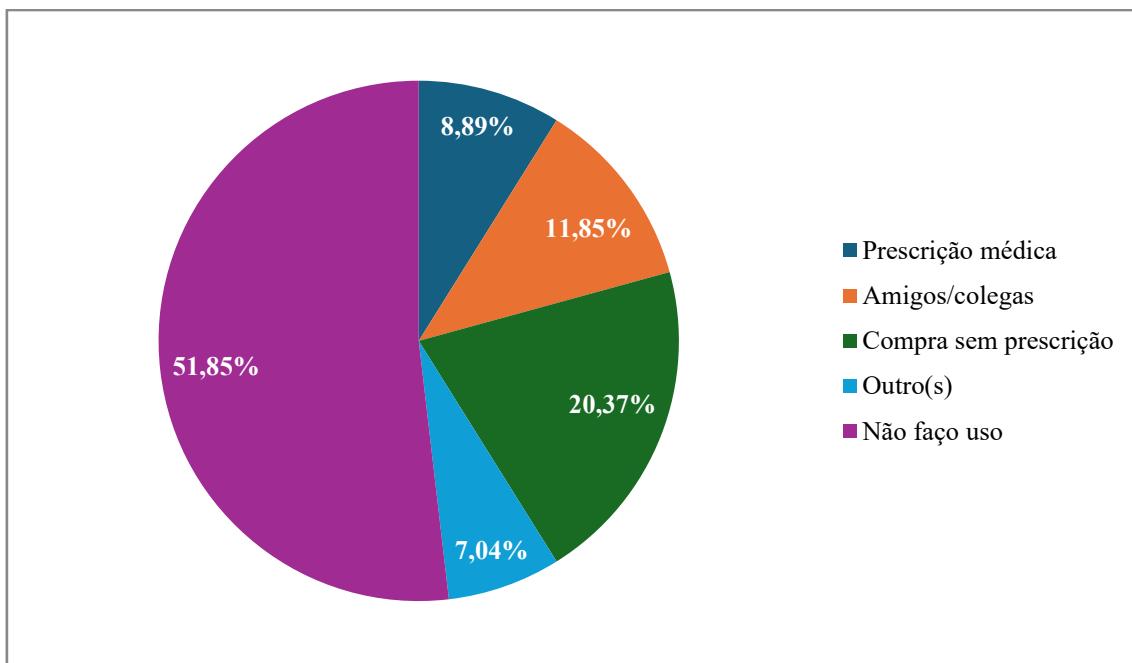
o uso desses estimulantes proporciona uma vantagem acadêmica injusta. Isso cria uma pressão social sobre os estudantes para adotarem essas substâncias, mesmo sem necessidade médica legítima. Essa mentalidade contribui para uma cultura acadêmica onde o desempenho é valorizado acima da saúde e bem-estar dos estudantes (FARIAS et al 2024).⁴

No estudo dos autores NASÁRIO, B. R., & MATOS, M. P. P., 2022, o uso não prescrito do metilfenidato apresenta uma prevalência de 2,9% na amostra pesquisada; ademais, 17,3% dos estudantes de medicina afirmaram já ter usado o psicoestimulante em algum momento da vida. As motivações para a utilização mais citadas foram: melhorar o desempenho cognitivo (10%) e ficar mais tempo acordado (4,1%), e prevaleceu a forma de obtenção do fármaco por meio de amigos (56,5%).¹⁰

O Dimesilato de Lisdexanfetamina se tornou alvo de grande procura entre indivíduos saudáveis por influência da faculdade, devido à alta carga horária do curso, o vasto conteúdo de matérias e a grande pressão por notas boas. Na pesquisa do autor MACIEL et al (2023), mostrou que 51% dos alunos universitários utilizavam o Dimesilato de Lisdexanfetamina para o rendimento escolar, 48% pela exaustão e 28% para a compensação do sono.¹⁶

Quando perguntados sobre a forma de obtenção, 51,85% (n=140) relataram não fazer uso, mas entre os usuários, as principais formas de acesso foram: **amigos/colegas 11,85% (n=32), compra sem prescrição 20,37% (n=55) e prescrição médica 8,89% (n=24)**. Isso reforça a preocupação ética e legal em torno do fornecimento irregular de medicamentos controlados, que pode configurar infração sanitária conforme a Portaria nº 344/1998 da ANVISA e a Lei nº 11.343/2006.^{13,14}

Figura 6 – Obtenção das substâncias



Fonte: Autoria própria (2025).

Dentre os 275 estudantes que responderam ao questionário, totalizaram-se 270 respostas válidas, uma vez que não foram consideradas 5 respostas por apresentarem incoerências, conforme já discutido anteriormente, sendo assim, foi feita uma nova análise de resultados.

O estudo realizado por ALVARENGA et al (2023) identificou que, entre os estudantes de medicina que relataram o uso de psicoestimulantes, **22,1% o faziam sem finalidade terapêutica**, ou seja, **sem prescrição médica formal**.¹⁸ A indicação profissional do uso com finalidade terapêutica estava presente em grande parte dos estudantes que afirmaram já ter utilizado, entretanto porcentagem e o número absoluto daqueles que fazem uso indiscriminado são relativamente altas. Isso se torna ainda mais perplexo quando se tem como amostra futuros profissionais da área médica, teoricamente com informações suficientes a respeito de possíveis danos desse uso não assistido ou indicado.

O estudo dos autores FRANCO ALVES, PIRES DE AGUIAR, ZANDONADI LAMAS (2021) demonstra que o uso de psicoestimulantes por conta própria e por influência de amigos, representou 68% do total, sendo seguido de outras fontes de obtenção como influência de colegas/conhecidos (14%), por prescrição médica (16%) e sugestão de familiares (2%).⁸

A obtenção de medicamentos psicoestimulantes por vias não regulamentadas, como o compartilhamento entre amigos ou a compra sem prescrição médica, representa uma preocupação ética, legal e de saúde pública. De acordo com a Portaria nº 344/1998 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), substâncias sujeitas a controle especial, como o metilfenidato e a lisdexanfetamina, só podem ser comercializadas mediante retenção de receita médica, sendo vedada sua aquisição sem prescrição (BRASIL, 1998).¹³ A compra ou uso indevido desses medicamentos configura infração sanitária, sujeita às penalidades previstas na Lei nº 6.437/1977, que dispõe sobre infrações à legislação sanitária federal (BRASIL, 1977).²¹

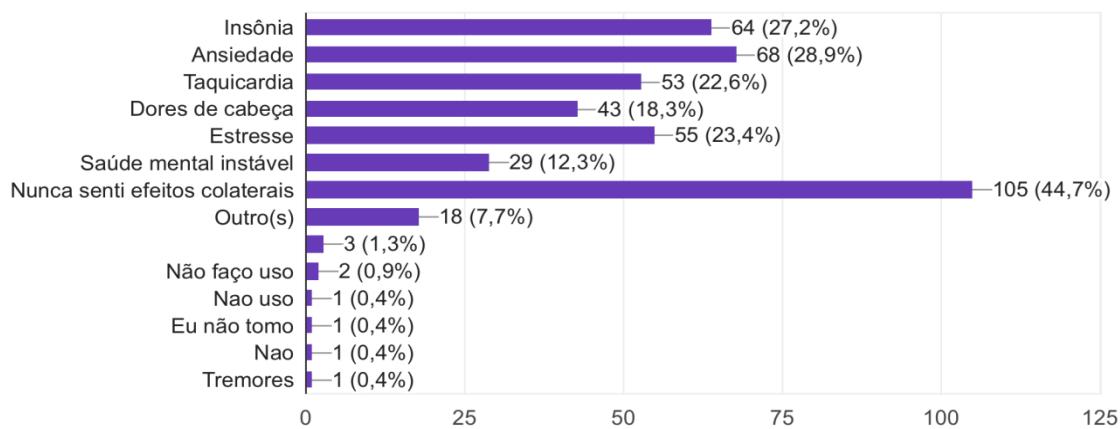
Além disso, a Lei nº 11.343/2006, que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), prevê que importar, vender, expor à venda, oferecer, fornecer, ainda que gratuitamente, guardar ou transportar drogas sem autorização legal ou em desacordo com a legislação vigente constitui crime, com penas de 5 a 15 anos de reclusão (BRASIL, 2006).¹⁴ Dessa forma, a distribuição informal entre colegas, mesmo sem fins lucrativos, pode, a depender do contexto, ser enquadrada como tráfico de entorpecentes.

4.4 Análise das Reações Adversas Relatadas

O questionário obteve um total de 235 respostas, comportando em seus resultados uma variedade de reações adversas relacionadas ao uso de Psicoestimulantes. A análise dos dados mostra que mais de metade dos participantes (55,3%) relataram algum tipo de reação adversa, enquanto 44,7% (n = 105) afirmaram nunca ter sentido nenhum tipo de efeitos adversos.

Entre os sintomas mais recorrentes, pode-se notar: Ansiedade, relatada por 28,9% dos participantes (n = 68), foi o efeito colateral mais frequente. Insônia apareceu em 27,2% dos casos (n = 64), seguida por estresse, com 23,4% (n = 55). Taquicardia foi mencionada por 22,6% (n = 53), enquanto dores de cabeça representaram 18,3% (n = 43). Alguns participantes não souberam descrever os efeitos remanescentes do uso dos estimulantes, então optaram por responder como instabilidade na saúde mental, sendo 12,3% (n = 29) de 235 respostas. A categoria "Outros", que inclui sintomas menos frequentes ou descrições variadas, correspondeu a 7,7% (n = 18). Na figura 7 podemos evidenciar essas informações.

Figura 7 – Análise Visual das Reações Adversas Relatadas por Usuários Universitários de Psicoestimulantes segundo a pesquisa.

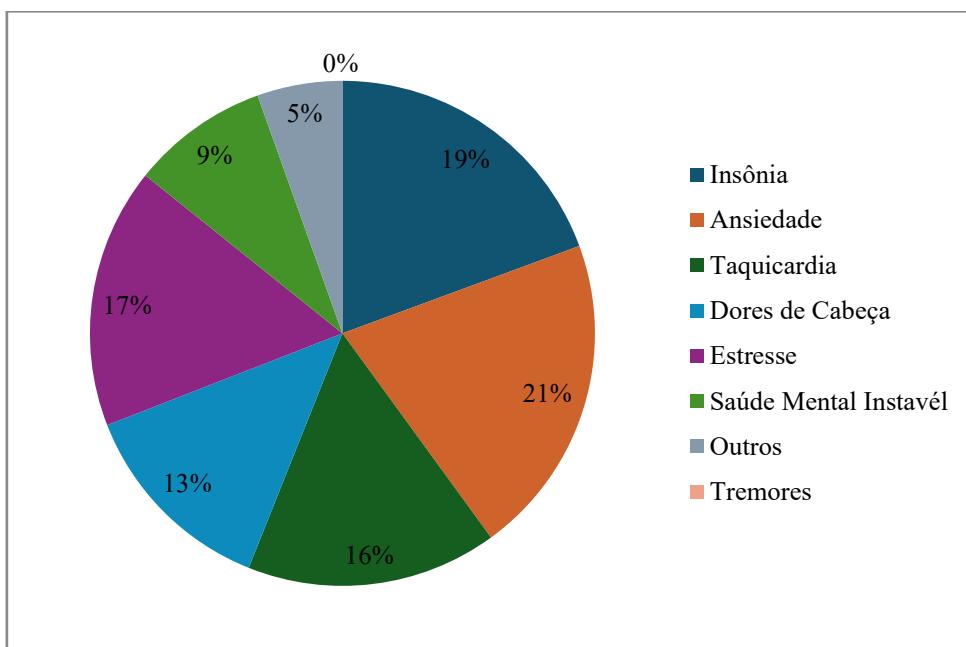


Fonte: Gráfico da pesquisa (2025).

Durante a análise dos dados obtidos na pesquisa, identificamos certas divergências significativas nas respostas. Embora, à primeira vista, os resultados parecessem consistentes, uma análise mais detalhada revelou inconsistências que comprometem a interpretação inicial. Alguns alunos responderam na pesquisa que nunca utilizaram nenhum tipo de estimulantes, mas responderam que teriam sofrido alguns efeitos colaterais causados pelo uso do medicamento. Outros, no entanto marcaram na alternativa que fizeram o uso do estimulante, porém em uma outra alternativa mais adiante relata que nunca fez o uso do psicoestimulantes mostrando novamente uma certa inconsistência nos dados apresentados pelo Google forms.

Diante disso foi-se necessário revisar os dados e elaborar uma nova figura, mais coerente com a realidade que observamos. Essa nova representação busca apresentar com maior precisão os padrões e tendências identificados, garantindo um resultado mais confiável para apresentação do artigo.

Na figura 8, será apresentado o resultado da pesquisa de forma detalhada. Para melhor visualização, elaborou-se um gráfico do tipo pizza, que expressa, em porcentagens, a incidência dos efeitos colaterais relatados pelos estudantes que fazem uso de psicoestimulantes.

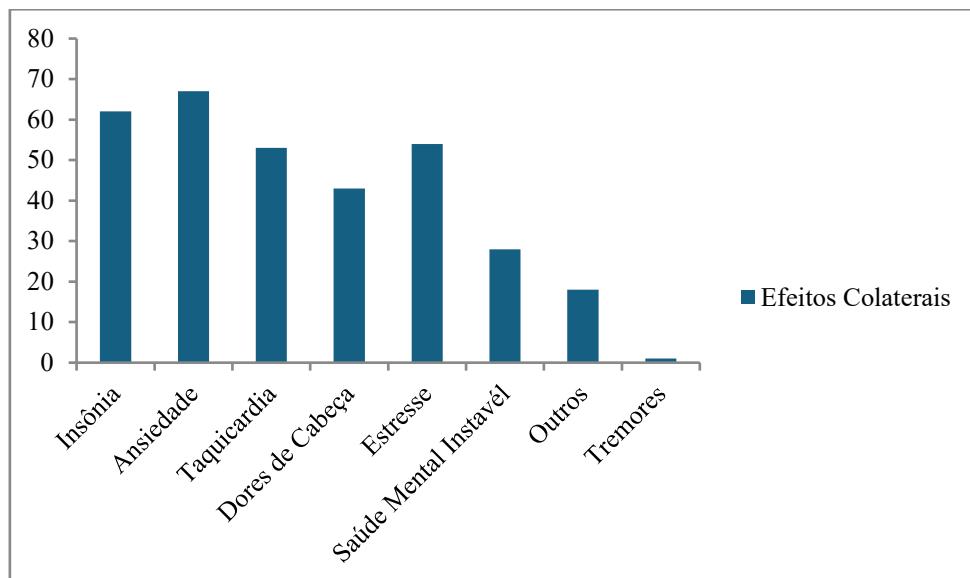
Figura 8 – Distribuição das reações adversas relatadas por tipo (%)

Fonte: Gráfico da pesquisa (2025).

Com base nos dados obtidos na pesquisa realizada por este grupo, os efeitos colaterais mais frequentemente relatados pelos estudantes que fazem uso de psicoestimulantes foram ansiedade (67 respostas) e insônia (62 respostas), seguidos por estresse (54 respostas), taquicardia (53 respostas) e dores de cabeça (43 respostas). Apenas um participante relatou sentir tremores. Além disso, 43 participantes optaram por não relatar ou não souberam informar nenhum efeito colateral.

Adicionalmente, 28 respostas mencionaram instabilidade na saúde mental como consequência do uso dessas substâncias. Por outro lado, 15 participantes relataram utilizar psicoestimulantes sem apresentar nenhum efeito colateral. Outros efeitos menos recorrentes somaram 18 menções.

Informa-se que a resposta de um participante foi desconsiderada da análise, uma vez que o mesmo indicou não utilizar psicoestimulantes, mas relatou apresentar efeitos colaterais como insônia, ansiedade, estresse e instabilidade na saúde mental, atribuindo-os equivocadamente ao uso dessas substâncias. Esses dados estão apresentados de forma detalhada na figura 9.

Figura 9 – Quantitativo Efeitos Colaterais


Fonte: Gráfico da pesquisa (2025).

Esses dados trazem o indicativo que os efeitos colaterais mais comuns envolvem sintomas ligados ao sistema nervoso e à saúde mental, como ansiedade, insônia e estresse, o que é reflexo da natureza dos medicamentos utilizados. Sabemos que o principal mecanismo de ação desses medicamentos é atuar de maneira similar no aumento de dopamina e noradrenalina, mas com variações nos perfis de liberação e duração de ação (BIEDERMAN; FARAONE, 2005)²² conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1:Descrição das Substâncias Psicoestimulantes: Mecanismos, Efeitos Clínicos e Potenciais Adversidades.

Substância	Mecanismo de Ação	Efeitos Clínicos	Efeitos Adversos
Metilfenidato (Ritalina)	Inibe a recaptação de dopamina e noradrenalina	Melhora atenção, foco, controle de impulsos	Insônia, ansiedade, taquicardia, dependência

Lisdexanfetamina (Venvanse)	É um pró-fármaco da anfetamina, aumenta a liberação de dopamina e noradrenalina	Aumenta atenção e controle de comportamento	Insônia, redução de apetite, aumento da pressão arterial, dependência
Atamoxetina(Atentah)	Inibidor seletivo da recaptação de noradrenalina (ISRN)	Redução de sintomas de TDAH (desatenção, impulsividade, hiperatividade)	Insônia, dor de cabeça, boca seca, náusea, irritabilidade, perda de apetite
Cafeína	Antagonista dos receptores de adenosina	Aumenta alerta, melhora desempenho cognitivo	Ansiedade, insônia, taquicardia, dependência leve

Fonte: Adaptado de BIEDERMAN; FARAONE (2005)

Em outro questionário realizado por (MENEZES; NOMERG; LENZI, 2020) podemos ter um comparativo semelhante no que tange os efeitos colaterais desses fármacos.²²

No artigo citado acima podemos analisar os seguintes resultados de um estudo composto por 178 estudantes dos quais (38%) relataram sentir insônia, seguido de cefaleia (25%), irritação (17%), outros sintomas (17%), taquicardia (16%), visão turva (12%), boca seca (8%) e náuseas (5%).

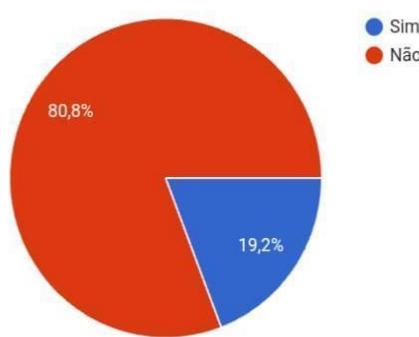
Essas informações reforçam a necessidade de atenção ao uso indevido de psicoestimulantes. Na tentativa de prevenir as consequências do uso prolongado e abusivo de estimulantes, é necessário que o estudante conte com o apoio familiar e psicopedagógico. O uso de psicoestimulantes entre estudantes é um assunto que não envolve apenas questões sociais, mas também a própria instituição de ensino, que, em

muitas ocasiões, não proporciona mecanismos de intervenção contra o uso ilegal dessas substâncias, MESQUITA et al. (1995, *apud* REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA, 2020).²⁴

4.5 Facilidade e dificuldade na Interrupção do uso de Psicoestimulantes.

De acordo com os resultados obtidos junto ao público entrevistado sobre a tentativa de interromper o uso e as dificuldades enfrentadas, 80,8% (n=224) relataram não ter enfrentado dificuldades para parar, enquanto 19,2% (n=224) afirmaram ter encontrado dificuldades durante a interrupção.

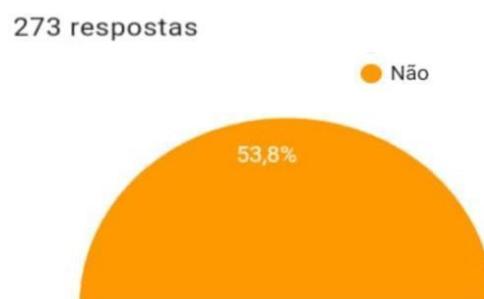
Figura 10 – Interrupção do uso de Psicoestimulantes



Fonte: Gráfico da pesquisa (2025).

Lembrando que, 53,8% (n=273), 147 pessoas afirmaram nunca ter utilizado esses medicamentos. Logo, não relataram dificuldades por não fazerem uso da medicação. Vale ressaltar que, conforme estudos, o uso de psicoestimulantes pode acarretar riscos de dependência, impactando negativamente a qualidade de vida dos usuários.

Figura 11 – Indivíduos que não fazem o uso de Psicoestimulantes

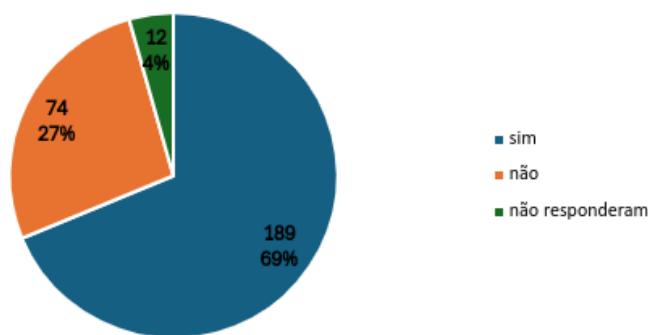


Fonte: Gráfico da pesquisa (2025).

Para além dos efeitos diretos sobre a saúde física e mental, a utilização de Venvanse® e Metilfenidato pode influenciar de maneira significativa a qualidade de vida dos estudantes universitários. Embora alguns acadêmicos relatam benefícios temporários em termos de concentração e desempenho acadêmico, o uso não supervisionado desses psicoestimulantes pode comprometer o equilíbrio entre as atividades acadêmicas e a vida pessoal, intensificar o nível de estresse e favorecer o desenvolvimento de dependência, resultando em prejuízos à qualidade de vida em longo prazo. Ademais, a prática da automedicação com tais substâncias pode interferir negativamente na aquisição de competências essenciais, como o gerenciamento eficaz do tempo e o desenvolvimento de estratégias de estudo mais sustentáveis e saudáveis (LOPES et al., 2024).²³

4.6 Análise dos riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes

Figura 12 – Riscos do uso indiscriminado: percepção dos estudantes



Fonte: Autoria própria (2025).

A análise dos dados demonstra que (68,7%, n=189) dos estudantes relataram ter conhecimentos sobre os riscos associados ao uso inadequado dos psicoestimulantes. Este resultado indica um aspecto positivo, pois boa parte dos participantes está ciente dos efeitos colaterais expostos na literatura como transtornos psiquiátricos (ansiedade e depressão), riscos cardiovasculares e o potencial de desenvolvimento de dependência química (VASCONCELOS et al., 2023).¹² No entanto entre esses 189 estudantes seis declaram não utilizar psicoestimulantes, mas ao verificar o questionário por completo foi constatado que eles fazem o uso de cafeína e outras substâncias, e os mesmos

responderam ter ciência dos riscos do uso indiscriminados, o que evidencia uma falta de compreensão sobre o que realmente é essas substâncias. Esse fato comprova a falta de conscientização em relação ao uso indiscriminado de psicoestimulantes, já que os participantes não reconheceram essas substâncias como tal, o que pode acarretar sérias consequências quando utilizadas de forma inadequada. Vale ressaltar que, diante desses dados, os participantes foram classificados como indivíduos que não possuem conhecimento dos riscos envolvidos.

Por outro lado, (26,9%, n=74) dos indivíduos declarar não terem conhecimentos esses riscos, o que gera preocupação já que o uso indiscriminado pode causar sérios problemas físicos, como taquicardia, hipertensão, dores de cabeça, perda de apetite, entre outros efeitos relatados por Oliveira e Guimarães Neto (2024).¹ A falta de conhecimento pode tornar essa parte da população mais vulnerável, principalmente se o consumo ocorre sem acompanhamento médico.

O índice de (4,4, n= 12) de resposta em branco também merece atenção, pois aponta desinteresse, falta de conhecimento ou insegurança em relação ao tema. A compreensão desses resultados é fundamental para esclarecer aos estudantes sobre os riscos do uso inadequado dessas substâncias. Mesmo que alguns já tenham ciência sobre o assunto, informações mais específicas, e o estímulo para buscar acompanhamento médico é fundamental para minimizar os danos à saúde física e mental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que, embora a maioria dos estudantes universitários e pós-graduandos de Goiás relatem não utilizar psicoestimulantes, uma parcela significativa faz uso ocasional ou regular dessas substâncias, especialmente entre os jovens de 18 a 24 anos. O uso está majoritariamente associado à busca por melhora no desempenho acadêmico, aumento da concentração e redução do cansaço, fatores que refletem a intensa pressão enfrentada no ambiente universitário. Substâncias como cafeína em altas doses, metilfenidato e lisdexanfetamina foram as mais citadas, sendo muitas vezes obtidas sem prescrição médica.

Os dados também revelaram preocupações importantes relacionadas ao acesso irregular e ao uso indiscriminado desses medicamentos, muitas vezes obtidos por meio de colegas ou sem orientação profissional. Isso reforça a necessidade de ações

preventivas e educativas nas universidades, que alertem sobre os riscos à saúde física e mental associados ao consumo dessas substâncias. Reações adversas como ansiedade, insônia, taquicardia, estresse e dores de cabeça foram relatadas com frequência, evidenciando os impactos negativos do uso sem acompanhamento médico.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa contribuem para o entendimento do comportamento dos estudantes frente ao uso de psicoestimulantes e apontam para a urgência de estratégias que promovam o uso responsável de medicamentos, valorizando a saúde e o bem-estar acadêmico. Cabe às instituições de ensino, profissionais da saúde e órgãos reguladores atuarem de forma integrada para reduzir o consumo indevido e prevenir os danos associados a essa prática, que, embora comum, ainda é cercada de desinformação e negligência.

6 REFERÊNCIAS

1. OLIVEIRA, Maria Clara Trettel de; GUIMARÃES NETO, Armante Campos. *Uso indiscriminado de medicamentos psicoestimulantes em estudantes*. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 1440–1459, jan./fev. 2024. ISSN 2595-6825. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n1-109>. Acesso em: 13 abr. 2025.¹
2. VIANA RAMOS, J. L. ..; RAMALHO PROCÓPIO DE OLIVEIRA SALLES, M. ..; DA SILVA, M. H. ..; BRITO SOARES, Y. D. ..; CASTRO ALVES BRAGA, C. ..; DUTRA MARINHO CABRAL, L. . USO DE PSICOESTIMULANTES DE VENDA LIVRE POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE. Revista Científica FACS, Governador Valadares, v. 23, n. 2, p. 80–93, 2023. Disponível em: <https://c2-wb-06.univale.br/index.php/revcientfacs/article/view/612>. Acesso em: 15 abr. 2025.²
3. RHODEN, Samile Martel. Psicofármacos: atuação no organismo e seu uso indiscriminado, Brazilian Journal of Development, . Curitiba. v.8, n.2, p. 12210-12210. Fev. 2022.³
4. FARIAS, Guilherme Paschoal de; OLIVEIRA, Enzo Chiarello Barata de; PEREIRA, Eduardo Boechat; FREITAS, Rodrigo Cesar Carvalho. Uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina no meio universitário. Interfaces em Ciências da

Saúde, v. 3, 2024. Disponível em:
<https://revistas.unifoa.edu.br/interfaces/article/view/4618>. Acesso em: 13 abr. 2025.⁴

5. MELO, RAÍZA SANTOS; FELICIONI, FERNANDO; AFONSO, ANDRELLE CAROLINE BERNARDES; SOUZA, NICOLLI BELLOTTI DE. Ritalina: consequências pelo uso abusivo e orientações de uso. *Revista Científica Online*, v. 12, n. 1, 2020. Disponível em: https://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/RITALINA_consequencias_pelo_uso_abusivo_e_orientacoes_de_uso.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.⁵

6. ALVES, Francisco Wamilson Lima; ANDRADE, Leonardo Guimarães de. Uso do metilfenidato para o melhoramento acadêmico. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, v. 8, n. 7, p. 1512–1523, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4607/1722>. Acesso em: 29 abr. 2025.⁶

7. ARRUDA, CATALINA BARBOSA DE; PIMENTEL, ERICA CAMILA ROCHA; SILVA, JÉSSICA ARAÚJO DA. Uso do metilfenidato, automedicação e riscos por alunos universitários. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) – Centro Universitário Unibra, Recife, 2021. Disponível em: <https://www.grupounibra.com/repositorio/FARMA/2021/uso-do-metilfenidato-automedicacao-e-riscos-por-alunos-universitarios56.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2025.⁷

8. FRANCO ALVES, M. .; PIRES DE AGUIAR, J. .; ZANDONADI LAMAS, A. . Estudo do uso de psicoestimulantes por acadêmicos de enfermagem. *Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem, [S. l.]*, v. 11, n. 34, p. 287–295, 2021. DOI: 10.24276/rrecien2021.11.34.287-295. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/414>. Acesso em: 13 abr. 2025.⁸

9. SOUZA, Eduardo Oliveira Neves; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. Uso indiscriminado de psicoestimulantes para estudantes universitários. *REASE – Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 3442–3457, set. 2023. ISSN 2675-3375. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i9.11516>.

Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11516>. Acesso em: 13 abr. 2025.⁹

10. NASÁRIO, Bruna Rodrigues; MATOS, Maria Paula P. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, e235853, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235853>. Acesso em: 14 abr. 2025.¹⁰

11. Martins MF, Vanoni S, Carlini VP. Consumo de psicoestimulantes como potenciadores cognitivos por estudiantes de Medicina de Universidad Nacional de Córdoba [Psychostimulantsconsumption for neuroenhancementamong medical students from National Universityof Córdoba]. *RevFacCienMedUnivNacCordoba*. 2020 Dec1;77(4):254-259. Spanish. doi: 10.31053/1853.0605.v77.n4.28166. PMID: 33351381. Acesso em: 14 abr. 2025.¹¹

12. VASCONCELOS, J. L. M.; MAGALHÃES, A. C. R.; SANTOS, A. T.; JÚNIOR, C. A. de O.; VASCONCELOS, D. A.; COSTA, E. F.; CARVALHO, F. D. G. de; FERNANDES, G. C.; SANTOS, G. R. V.; VELOSO, G. C.; NASCIMENTO, I. de S.; MOREIRA, I. M. F.; PEREIRA, M. A. O. M.; NORMANHA, R. A.; VENUTO, V. V. F.; ROCHA, V. L. P. R. L.; MEIRELES, W. de A. Impactos na Saúde Associados ao Uso de Psicoestimulantes: Uma Revisão Sistemática. *Brazilian Journal of Implantologyand Health Sciences*, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 5360–5369, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n5p5360-5369. Disponível em: <https://bjjhs.emnuvens.com.br/bjih/article/view/962>. Acesso em: 13 abr. 2025.¹²

13. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o regulamento técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. Disponível em <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/controlados/arquivos/RDC784.2023.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2025.¹³

14. Brasil. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. institui o Sistema Nacional de

Políticas Públcas sobre Drogas- sisnad. Disponível em:
<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11343-23-agosto-2006-545399-normaactualizada-pl.pdf>> . Acesso em: 14 abr. 2025.¹⁴

15. BATISTA, C. de B. P.; VASCONCELOS, J. L. M.; SAMPAIO , A. F. B.; SILVA, A. C.; MALDONADO, C. M. do C.; PASSOS, C. B.; FILHO, E. A. M.; ARAUJO , G. M. M. de; NETTO , L. P. de O.; SIMÃO , L. P. P.; SANTOS , L. N.; NASCIMENTO, M. C. C.; COPINI , M. E.; MUNDIM, M. G.; BOLWERK, M. B. de C.; MONTEIRO , M. M. S.; AZEVEDO, P. S.; PAES , R. S. R.; JÚNIOR , R. R. de A.; PIRES, T. D. Desafios e Implicações do Uso de Psicoestimulantes entre Estudantes: Uma Análise Crítica da Literatura. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences* , [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1682–1689, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n2p1682-1689. Disponível em: <https://bjih.scielo.br/bjih/article/view/1425>. Acesso em: 30 abr. 2025.¹⁵

16. MACIEL, Fernanda Duarte et al. Segurança e eficácia do dimesilato de lisdexanfetamina em transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: uma revisão literária. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 2, e28412240259, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i2.40259>. Acesso em: 30 abr. 2025.¹⁶

17. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.¹⁷

18. ALVARENGA, J. V.; FERNANDES, B. L. A.; MAIA, T. L.; GUIMARÃES, L. C.; CRUVINEL, A. R.; VIEIRA, B. C.; ALVES, L. P.; AZEVEDO, G. F. C. O USO DE PSICOESTIMULANTES ENTRE ESTUDANTES DE UMA FACULDADE DE MEDICINA: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS. *REVISTA FOCO* , [S. l.], v. 16, n. 9, p. e3118, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n9-099. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3118>. Acesso em: 7 maio. 2025.¹⁸

19. FERREIRA, C. de C.; QUEIROZ, C. R. A. dos A. CAFEÍNA: USO COMO ESTIMULANTE POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Revista Inova Ciência & Tecnologia / Innovative Science & Technology Journal*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 16–21, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ifm.edu.br/index.php/inova/article/view/1002>. Acesso em: 5 maio. 2025.¹⁹

20. Rodrigues LA, Viana NAO, Belo VS, Gama CAP, Guimarães DA. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. *Cad Saúde Colet*, 2021; Aheadof Print. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202129040437>. Acesso em: 4 maio. 2025.²⁰

21. BRASIL. Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977. Configura as infrações à legislação sanitária federal e estabelece as sanções respectivas. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6437.htm. Acesso em: 5 maio. 2025.²¹

22. BIEDERMAN, J.; FARAOONE, S. V. Attention-deficithyperactivitydisorder. *The Lancet*, [S. l.], v. 366, n. 9481, p. 237–248, 2005. MENEZES, F. G.; NOMERG, L. A.; LENZI, S. A. Os efeitos do uso indiscriminado de psicoestimulantes por estudantes universitários: uma revisão de literatura. *Ciências da Saúde*, v. 27, n. 122, 2023 PIRES, Marina dos Santos; DIAS, Aureanny De Paula; PINTO, Danúbia Cristina Lopes; GONÇALVES, Patrícia Guimarães; SEGHETO, Wellington. O uso de substâncias psicoestimulantes sem prescrição médica por estudantes universitários. *Revista Científica Fagoc Saúde*, v. III, 2018.²²

23. LOPES , J. do V.; MATTOS , I. B. F.; LAGARES , A. C. R.; SOUSA , A. K. P. de; ALBUQUERQUE , J. R. de; NETO , A. S.; CARVALHO , L. M. M. de; PIMENTEL , R. P.; BOLWERK , M. B. de C.; BRUGNARO , B. A.; SANTIAGO , S. C. de S.; DOMINGUES , G. V. de S.; ARAÚJO , E. de; CARVALHO , T. C. P. de; PAULINO , T. C.; PAULINO , R. C. Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. *Brazilian Journal of Implantologyand Health Sciences* , [S. l.], v. 6, n. 8, p. 1891–1906, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n8p1891-1906. Disponível em: <https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/2924>. Acesso em: 18 maio. 2025.²³

24. MESQUITA, Kleyton de Carvalho; SILVA, Josenilson Antônio da; IGREJA, Ana Carolina de Souza Machado. Aplicabilidade da educação a distância na educação médica continuada. *Revista Brasília Médica*, [S.l.], v. 63, n. 3, p. 138-142, 2020. Disponível em: [RBM](#). Acesso em: 18 maio 2025.²⁴